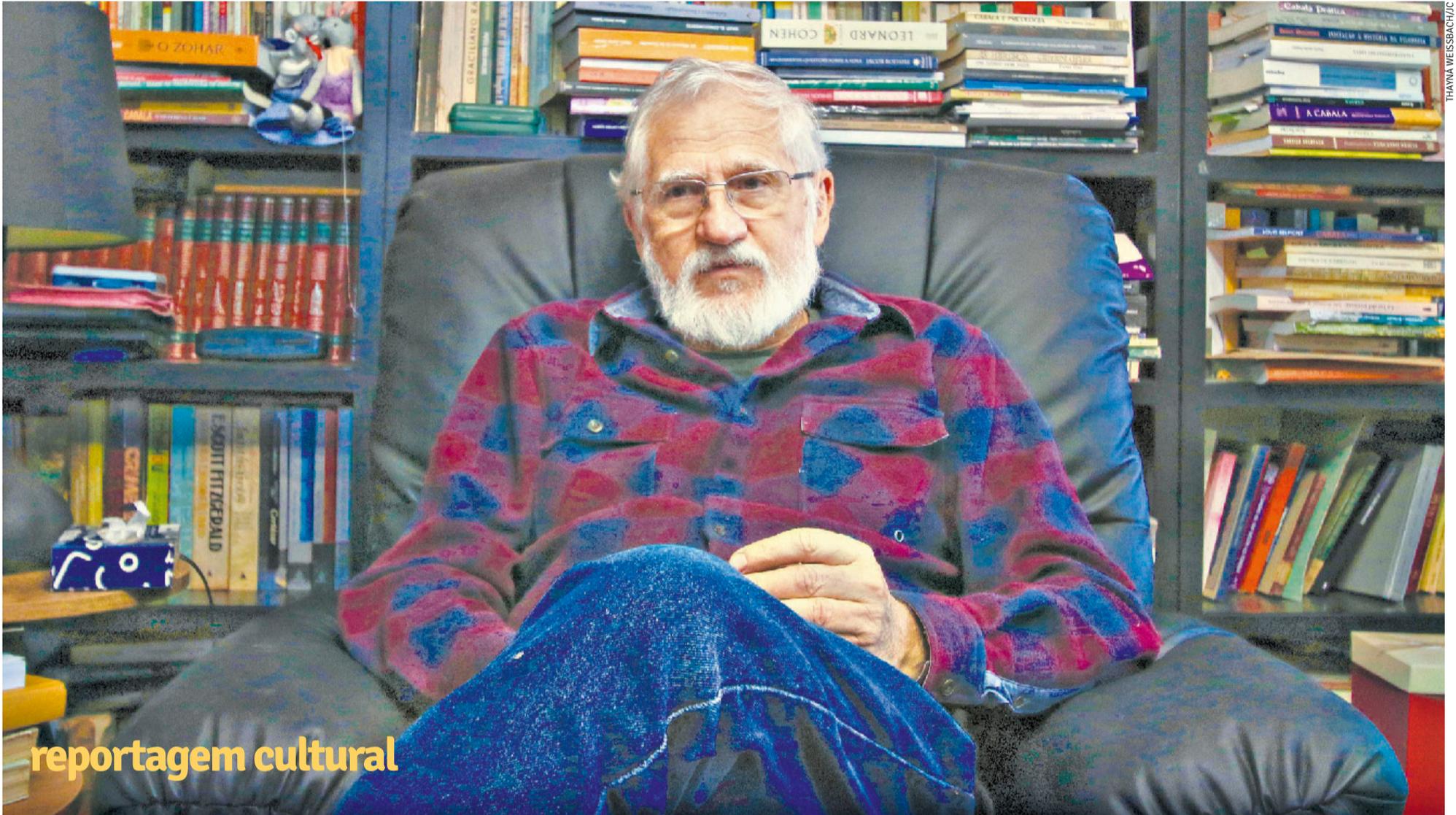


Distanciado da literatura,  
Charles Kiefer encontrou na  
Kaballah um novo caminho



## Charles Kiefer e sua missão

Rafael Gloria, especial para o JC

Charles Kiefer foi, durante anos, um dos nomes mais destacados da literatura gaúcha. *Caminhando na chuva* teve sucesso nacional de vendas, obras como *Valsa para Bruno Stein* foram levadas ao cinema, e o escritor acumulou honrarias, como três prêmios Jabuti. Não era exagero dizer que Kiefer era o expoente da literatura gaúcha dos anos 1980-90, visto como nome promissor na terra de gigantes como Mario Quintana e Erico Verissimo.

Há alguns anos, porém, tudo mudou. Abandonou a literatura, tanto a escrita ficcional quanto à dedicação ao ensino - como ele mesmo diz, foi se retirando da cena aos poucos. Ele raramente dá entrevistas, mas depois de reiterados pedidos acabou aceitando conversar em uma tarde chuvosa no final de abril. "A literatura para mim não tem mais importância",

admite. "Mas não renego. Tanto que estou aqui contigo. Confesso que eu cedi por uma questão pessoal: Tu me aguentou como professor e pode me aguentar agora como entrevistado." Kiefer se refere ao fato de que foi seu aluno nas famosas oficinas literárias que ele criou no início dos anos 2000 e que reuniram muitos aficionados por literatura.

Kiefer também não esconde seu maior interesse e o que relata ser a sua verdadeira missão: a Cabala, ou como ele prefere, em inglês, a Kabbalah. "Na vida eu quero ser lembrado como professor de Kabbalah. Como alguém que ajudou as pessoas a fazer a iluminação", esclarece. Atualmente, ele conta com vários alunos, inclusive em outros países. Sua base de trabalho é a Casa do Mikvê, no bairro Petrópolis, em que ele e a esposa, Marta Tejera, reúnem grupos de interessados para difundir essa sabedoria. "Trata-se de uma

ciência prática que te ensina como viver melhor. A Marta diz: é um método de administrar a vida. Não tem nada de acreditar nisso ou naquilo", resume.

No meio da conversa, sua filha mais nova aparece. Anna tem 5 anos e quer ser confeitira. O semblante no rosto de Kiefer fica mais animado. "Estou escrevendo uma história infantil para a Anninha. Um poema em sextilha maior. Porque para a primeira e para a segunda filha eu fiz dois livros infantis. Aí a Marta me disse, e agora? Tem que fazer. Senão ela vai se sentir magoada", diz.

Durante nossa conversa, ele revela ter escrito mais de 40 livros em gêneros como poesia, ficção e também de kabbalah. Todos ainda não publicados. E também uma autobiografia. "Ela se chama *Suor no Rosto* porque o que eu mais fiz na vida foi trabalhar. Então eu referencio a Bíblia, lá no Gênesis: no suor do teu ros-

to comerás o teu pão", diz. Todos esses livros só serão publicados após a sua morte. Mas por quê? "Eu não quero saber a opinião das pessoas. Antes eu gostava. Agora não dou bola. Sou feliz sem depender disso", aponta.

É impossível falar da trajetória de Charles Kiefer sem citar a experiência de quase morte (EQM) pela qual ele passou em 2006, após complicações em uma cirurgia. "Todo mundo que tem uma EQM muda completamente de vida. Porque antes a pessoa vivia de forma errada. Eu mesmo. Tu assumes uma outra responsabilidade", diz. A partir dessa experiência que a Kabbalah foi introduzida como sua nova missão.

Mas há resquícios literários na fala de Charles Kiefer, no modo como ele descreve as situações, as referências que traz para explicar ideias, por exemplo, como quando reflete sobre a importância do tempo para o reconhecimento do

escritor ou do artista. "Quem vai definir se vai ser escritor ou não? É a história. Não é o professor, não é o jornalista, não é o sistema. Pensa bem o quanto o Kafka... Quantos escritores maravilhosos não viram os seus livros publicados?", afirma.

Para ele, a literatura é nada mais do que um relicário de acontecimentos do passado. "A questão agrária brasileira, do Rio Grande do Sul. Por exemplo, *Valsa para Bruno Stein*. É como funcionava no século XX o pré-capitalismo agrário. Só. É isso que está lá. Então, lá no futuro, quando alguém quiser estudar isso, onde ele vai? Ele vai no relicário. Então, vê, se isto for importante para o futuro, aí o meu livro volta a ser importante. Se não for, ninguém vai ler. Mas como eu gostaria de ser lembrado na literatura? Na literatura, eu gostaria de ser esquecido."

Leia mais na página central